

## **A indústria do parto<sup>1</sup>**

Fernanda Angelo COSTANTINO<sup>2</sup>

Filipe Ferreira GALVÃO<sup>3</sup>

André França Rocha BORBA<sup>4</sup>

Carla FELIX<sup>5</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Este trabalho foi desenvolvido para o jornal O Casarão, periódico da Universidade Federal Fluminense (UFF), durante a disciplina Oficina de Produção Gráfica II. Trata-se de uma grande reportagem impressa que aborda as faces, hoje, dos partos no Brasil. A matéria traz dados, atualizados em 2014, da pesquisa Nascer no Brasil, realizada pela Fiocruz, que mostra que nove em cada dez crianças nascem por meio da cirurgia cesariana em detrimento do parto normal na rede privada. A matéria, por meio de entrevistas e dados estatísticos atuais, busca entender os motivos por trás do quadro, que confere ao Brasil o título de campeão em intervenções cirúrgicas durante o nascimento. Ao longo da apuração, foram identificados três grandes atores que interferem diretamente no parto e que formam a tríade sobre a qual o texto se molda: o saber médico, a lógica do Capital e o machismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** reportagem; jornalismo impresso; parto; nascimento.

### **1 INTRODUÇÃO**

Normalidade é definição. Normal não é Natural, apesar de poder tomá-lo como princípio. Normalidade, ao contrário, nasce de uma leitura ética ou arbitrária sobre a práxis dos sujeitos. Ainda assim, é possível normatizar o grotesco a ponto de ignorá-lo? Pode-se atribuir ao absurdo um consenso comum de invariabilidade a ponto de aceitá-lo?

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Reportagem em Jornalismo Impresso, modalidade Avulso.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: fernanda.costantino@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: filipe.ferreira.galvao@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: andre.r.borba@gmail.com.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: carlabaienses@yahoo.com.br.

Por ocorrer em um período demarcado, envolver o protagonismo feminino e lidar com o surgimento de uma vida (e um sujeito), a gravidez se situa dentro de um recorte no tempo, no social, no econômico e no ideológico.

Engravidar é ver-se diante de um maquinário que formata e manipula a subjetivação dos envolvidos, o corpo feminino e da criança, a formulação de uma paternidade modelar. Família, Medicina, Capital, senso-comum: todos reivindicam a posse da grávida, do parto e do feto. As perguntas que nos fizemos foram: afinal, quantos são os opressores e quais seus interesses em controlar toda a gravidez em seus processos e subjetivações?

Chamemos de “engravidamento crítico” o processo em que nós, pais, jornalistas, pesquisadores e autores da matéria em questão, vivenciamos durante a imersão pessoal e subjetiva da gravidez de nosso filho. O iluminar das duas listras roxas do pequeno filete de papel de um teste de gravidez é uma saída da caverna de Platão. Percebemos, ao buscar nosso desejo de um parto normal – não intervencionado, em que os ritmos da mãe e do bebê fossem respeitados – que entrávamos em uma zona de guerra. Gravidez e puerpério são espaços não só fisiológicos, mas políticos, filosóficos e sociais.

Tal processo, contudo, pouco participa do debate público. Preocupam-se sobre o tema, sobretudo, quem vivencia a maternidade e paternidade. O resto da humanidade observa à distância, com um suposto olhar de neutralidade que, em geral, reproduz os discursos opressores do machismo, e do domínio da vida pelo capital e pelo “saber médico”.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo desta reportagem é apresentar e debater amplamente questões pouco abordadas sobre o quadro de nascimentos e partos no Brasil. Por que a disparidade tão grande entre o que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda e o que realmente acontece no país? Como o dinheiro e os interesses financeiros atravessam a esfera particular e o desenvolvimento entre mãe e bebê? Qual o papel do médico nesse evento: ajuda verdadeira ou imposição de valores e cultura? Essas são algumas das perguntas que buscamos responder, ou ao menos iniciar um debate que dê luz ao caso. O nosso objetivo, por fim, é ajudar no “empoderamento” feminino em um momento de sua vida sexual e afetiva: quem dá à luz é a mulher e somente ela.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O parto é um dos eventos de maior importância em uma família. Um novo ser é gestado por nove meses e, nesse momento, os pais se preparam para sua vinda. É de extrema importância social que o nascimento seja respeitoso e atenda às necessidades de saúde e segurança. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que o risco de morte da mãe são 3,5 vezes maior durante uma cirurgia cesariana do que em um parto não intervencionado.

Mesmo com a recomendação da OMS de que o nascimento seja realizado com o mínimo de interferência, hoje, no Brasil, o índice de cesáreas em hospitais particulares gira em torno de 90%, como mostra a pesquisa Nascer no Brasil de 2014, realizada pela Fiocruz. A indicação da Organização Mundial é de que o número máximo de cirurgias não ultrapasse os 15%. Portanto, é de suma importância que os fatores que estejam revertendo a forma como as crianças vêm ao mundo sejam explicitados e amplamente debatidos.

A escolha do tema se justifica ainda pela sua atualidade. Trazemos na reportagem dados extremamente recentes, que mostram a realidade de hoje no país. No âmbito nacional, diversas ações e discussões vêm tomando forma e criam um espaço de urgência para mudanças do quadro atual. Michel Odent, em seu livro *O Renascimento do Parto* (2002), questiona que tipo de sociedade estamos nos tornando ao substituir um dos principais hormônios da hora do nascimento, a ocitocina, por sua versão sintética. A crítica de Odent não se limita ao uso do hormônio sintético, mas avança nas consequências de sua aplicação pragmática na formação das subjetividades das sociedades em que o caso se apresenta.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Escolhemos a reportagem impressa pelo espaço que ela oferece para o aprofundamento do tema abordado. De acordo com Furtado, “é normalmente nos meios impressos e, especialmente, nas revistas – por sua periodicidade -, que os jornalistas podem desempenhar essa função de ir mais a fundo” (FURTADO, 2013, p. 150). O autor explica ainda que o tempo de uma reportagem difere de uma notícia. A última trata da instantaneidade e do agora, perdendo sua periodicidade mais rapidamente. Em contrapartida, a reportagem impressa exige um maior tempo para apuração, como também, ao final, terá um maior tempo de “vida útil” entre as mãos dos leitores. Essa é uma boa estratégia para tratar um tema latente e recorrente da nossa sociedade, que merece não só

um aprofundamento em sua discussão, como também demanda algum tempo para que as possíveis mudanças realmente ocorram.

Por envolver também assuntos um pouco mais técnicos relacionados à medicina, a matéria jornalística é uma boa opção para democratizar a informação, uma vez que transporta a informação para uma linguagem simplificada, “com potencial o bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado” (LAGE, 2002, p. 22). Assim, trazemos na reportagem termos como “episiotomia”, fórceps e eclampsia de forma que o leitor possa desmistificar essas informações e entender por completo todo o processo do parto. Esse caminho é de extrema importância para a parturiente e familiares que a apoiam, pois, com todas as informações possíveis, a gestante poderá recorrer e decidir pela melhor forma que deseje conceber. Da mesma forma, democratizar essa informação técnica é um meio de garantir o empoderamento feminino.

Para a feitura da reportagem, realizamos entrevistas com personagens que ilustrassem diversos casos e atores que envolvessem o nascimento e o parto. Além disso, utilizamos a pesquisa realizada pela Fiocruz em 2014, Nascer no Brasil, como base para reiterar toda a discussão. Com os dados atualizados, pudemos levantar ainda uma série de questões e trazer a luz disparidades que antes passavam despercebidas. Por fim, utilizamos as recomendações que a Organização Mundial de Saúde (OMS) traz sobre partos, através de cartilhas em seu website.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Iniciamos a reportagem com a história de uma das entrevistadas, Sarah, mãe de Isaac. A experiência de Sarah exemplifica um dos componentes que compõem a tríade sobre a qual a reportagem foi formulada: o capital. Sarah havia sido enganada pelo obstetra que a acompanhava e quase levada a uma cirurgia completamente desnecessária. De acordo com ela, para realizar um parto normal, o médico cobrava um valor a mais do que o já fornecido pelo plano de saúde. A prática indiscriminada de cesáreas é resultado da mercantilização da saúde. Por ser cômoda para os médicos, rápida e não acarretar nenhum tipo de imprevisto, a cesárea permite um número exponencialmente maior de partos por dia. Quanto mais partos, mais dinheiro. Para um médico, fazer um parto normal significa acompanhar, durante aproximadamente 12 horas (que é o tempo médio que dura um trabalho de parto), uma única paciente e, assim, receber por apenas um atendimento.

Realizamos ainda mais duas entrevistas que tornam claros os outros componentes que consideramos importantes para entender o quadro de nascimentos hoje no Brasil. A segunda figura é da obstetra Bernadette Bousada, médica que há anos vai pelo caminho oposto de seus colegas de profissão e acumula, em sua trajetória, um número maior de “partos naturais humanizados” do que aqueles intervencionados. Com o relato da médica, pudemos explicar alguns termos ligados ao nascimento e mostrar ainda a diferença entre o parto normal que ainda pode sofrer uma série de intervenções semi-cirúrgicas desnecessárias e aquele “natural humanizado”, que prevê a intervenção em último caso e coloca a mulher, o bebê e a natureza de ambos em protagonismo. O depoimento de Bernadette evidencia que o grotesco número de cesáreas no Brasil é uma escolha arbitrária da classe médica.

Por fim, trazemos um panorama histórico das primeiras intervenções médicas e do surgimento da figura masculina dentro do cenário do parto - que sempre foi tido como um evento principalmente feminino. Com a terceira entrevistada, a professora de dança e doula - profissional que acompanha e auxilia a parturiente durante a gestação e o parto - Eloá, conseguimos problematizar a opressão da ideologia machista. Eloá concebeu Noah, seu filho, em casa e foi protagonista de seu próprio parto.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A escolha pelo tema desta reportagem se deu a partir de nossas experiências pessoais. Em 2014, trouxemos ao mundo o Joaquim, que nasceu em um parto respeitoso sem nenhum tipo de intervenção, com a presença apenas de enfermeiras obstetras e dos pais. O caminho até conseguir esse resultado foi tortuoso e cheio de obstáculos, o que nos motivou a repassar as informações que coletamos e que nos ajudaram a conseguir um atendimento de respeito e afetuoso em um dos momentos mais importantes de nossa vivência.

Buscamos abordar faces pouco abordadas do processo e humanizar a reportagem, a partir de depoimentos e histórias pessoais que os entrevistados compartilharam conosco. Cada entrevista durou, em média, uma tarde de conversas, encontros e telefonemas, durante os quais pudemos entender de perto como cada agente envolvido no processo luta para tornar humano e natural algo que já deveria sê-lo. Esperamos que a reportagem possa abrir caminho para novas discussões e auxilie novos pais que buscam um atendimento com respeito, carinho e, principalmente, no qual possam ser verdadeiros protagonistas de suas escolhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURTADO, Thais. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEAL, Maria do Carmo (coord.). **Nascer no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. Disponível em: [http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt\\_943835885.pdf](http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_943835885.pdf). Acesso em 13/05/2015.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ODENT, Michel. **O renascimento do parto**. Florianópolis: Saint Germain, 2002.